

A escuridão da adesão somente a si

Luiz Alex Silva Saraiva

Temos sistematicamente falado contra a escuridão que nos cerca em todos os editoriais de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade (SARAIVA, 2014; SARAIVA, 2015). O que se torna francamente repetitivo, infelizmente, é a quantidade de situações que justificam a necessidade deste brado constante. Sentimo-nos como pregadores no deserto, defendendo a luz em alto e bom som para quem parece por ali não estar.

A situação do país em todos os aspectos tem se tornado aguda, o que tem levado a alguns segmentos sociais a se sentirem no direito de justificar suas crescentes práticas de violência pelos equívocos do governo. É quase uma espécie de *mea culpa* antecipado, mas “legitimamente provocado” – e, por isso, “justificado”. As situações tem sido cada vez mais absurdas, como no caso de médicos que se recusam a atender bebês cujos pais apoiam o governo; casais sendo espancados por não gritarem palavras de ordem contra Brasília; pessoas sendo perseguidas



e agredidas apenas por usar roupas da cor vermelha nas ruas e, por aí vai, com intolerância de parte a parte.

Crescentemente hostis, as hordas de radicais nas grandes cidades apresentam um acirramento de ânimos jamais visto antes no Brasil, uma situação delicada para dizer o mínimo, e francamente destrutiva. Pouco importa o país, a crise, o momento: um lado quer apenas triunfar ostensivamente sobre o outro, para isso defendendo com unhas e dentes suas ideias, mesmo que elas não se concretizem tal como planejado e mesmo que erros evidentes estejam presentes. O importante é ter razão. Mesmo que para isso se destrua o país, mesmo que para isso sejam esquecidas as regras democráticas, mesmo que para isso sejam enfraquecidos os laços sociais, nada parece ser tão importante quanto vencer o lado adversário, visto efetivamente como inimigo (PECHMAN, 2014).

Essa violência exacerbada traduz um termo muito feliz de Haroche (2001), a “adesão a si”. Parece ser o diagnóstico da ocasião. Para que projetos coletivos se o “outro” não sou eu e tampouco pensa do jeito certo, isto é, como eu? Para que pensar em direitos coletivos, em ganhos sociais, se posso me isolar em minha torre de privilégios, me esconder na cidade sob muros de todos os que são diferentes de mim? Preciso preservar o que individualmente conseguir porque eu e apenas eu estou do lado certo: o meu. Essa ideia, sendo repetida cinicamente,

desdobra-se em uma espécie de verdade compartilhada por todos aqueles que querem para si – e para os seus semelhantes – a manutenção de seus privilégios, de suas vantagens, do que os qualifica, do que já tem, enfim, em detrimento de todos os demais. Oportunidades de acesso à universidade pública, quotas, possibilidade de ascensão social e econômica, tudo isso é uma invenção que tira o destaque da minha posição superior, que tem de ser preservada a todo custo. Por isso ridicularizo pobres em aeroportos, e quero que desapareçam os direitos, os impedimentos, as diferenças, os outros, enfim. Só eu e minha visão de mundo importam.

Apesar de parecer exagero, infelizmente não o é. Se o outro não é digno de crédito, não merece respeito, e precisa mesmo apanhar para “tomar jeito”, para “ficar esperto”, para “acordar para a vida”. Assim, um homossexual é espancado hoje, um casal é perseguido amanhã, parlamentares que votarem a favor do governo são ameaçados depois de amanhã... A violência passa a ser moeda de troca, um elemento tão comum que sequer dele nos damos conta no cotidiano, naturalizando a guerra, como alerta Freitas (2007).

Definitivamente, precisamos de luz. Nosso consolo é que, como dizem os italianos, mais escuro do que a meia-noite não pode ficar.

Neste número de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, que inaugura o terceiro ano de nossa querida publicação, contamos com as seções artigos, ensaios, provocações e entrevistas.

A capa *O que (não) se vê* é uma contribuição de *Clara Luísa Oliveira Silva*, na qual ela explora as possibilidades de ressignificação do espaço a partir de provocações em torno da subjetividade, do discurso e do simbolismo de uma fotografia de um corredor de um convento.

Na seção artigos, contamos com três contribuições. A primeira delas é *Análise arqueológica das estratégias utilizadas por homossexuais no trabalho bancário*, de *Eloisio Moulin de Souza, Monica de Fatima Bianco e Priscilla de Oliveira Martins da Silva*. Neste artigo os autores se propõe a analisar as estratégias utilizadas por trabalhadores bancários homossexuais contra eventuais atos discriminatórios e preconceituosos no local de trabalho. Os principais achados revelam estratégias utilizadas pelos entrevistados: a estratégia de assumir a homossexualidade independentemente das consequências, estratégias de encobrimento e estratégias de mediação.

Em *Don't worry, be happy! O engodo da Qualidade de Vida no Trabalho*, *Juliana Gomes dos Reis Fortes, Vanessa Quinan de Noronha e Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão* exploram os programas de Qualidade de Vida no Trabalho, que

surgiram para melhorar a rotina de trabalho, visando aumentar a satisfação do funcionário e a produtividade. As autoras problematizam, entretanto, o papel do trabalhador, e, principalmente, quais os reais resultados alcançados por estes programas. A partir de uma pesquisa em publicações de negócios, os dados, tratados mediante a análise de conteúdo, tendo como base epistêmico-metodológica o materialismo dialético, revelaram incongruências que atestam grande distanciamento da proposta original.

No terceiro artigo, *Uma proposta de "classificação" para os Estudos Organizacionais no Brasil a partir de publicações entre 1997 a 2013*, de Karine Francisconi Chaerki e Jane Mendes Ferreira, se propõem a analisar a evolução temática dos Estudos Organizacionais no Brasil e sugerir uma "classificação" temática para o campo a partir da análise de artigos científicos publicados entre 1997 e 2013. Os resultados demonstraram a predominância de temas voltados para aspectos gerencialistas, na busca de aperfeiçoamento da prática administrativa, embora haja temas emergentes que vem conquistando espaço gradativamente. As autoras concluem que a multiplicidade de temas observados, ao mesmo tempo em que sugere a consolidação do campo enquanto objeto de "status" científico, parece indicar o estabelecimento de uma dinâmica que procura resolver as novas questões que se vão colocando à análise organizacional e superando as limitações do campo.

Na seção ensaios, contamos também com três contribuições. Em *Relações desumanas: reflexões sobre "humanismo" e controle na relação indivíduo-organização*, Guilherme Lima Moura discute a racionalidade que embasa o "Humanismo". Ele enfoca o controle organizacional, em que cada vez mais as técnicas de gestão substituem o controle direto e coercitivo por mecanismos sutis de domínio. Questiona também a existência das chamadas "novas formas organizacionais", supostamente representantes de uma pós-burocracia, avança para uma abordagem menos comum em temáticas deste tipo, sobre a vida e o tempo nas organizações. Conclui pela inexistência de humanismo na relação indivíduo-organização, sendo o chamado "Humanismo Organizacional" simplesmente a ação calcada na razão instrumental e associada à suposição de que o conflito é problema a ser evitado, refinada pelo aprimoramento e ocultamento dos mecanismos de controle.

Marina Dantas de Figueiredo, em *Ensaio sobre a perspectiva habitar e suas possíveis contribuições para os Estudos Organizacionais*, resgata a perspectiva do mundo da vida, uma perspectiva que tem sido tomada como pano de fundo para muitas abordagens baseadas na prática. A partir da fenomenologia, a autora avança para o entendimento da perspectiva do habitar, discutindo três focos de pesquisa inter-relacionados: o questionamento da centralidade da ação humana nos processos organizativos; a reflexão sobre os limites da visão antropocêntrica

hegemônica tem imposto aos Estudos Organizacionais; e o resgate de uma perspectiva crítica sobre a relação entre organização e ambiente.

No terceiro ensaio, *Edgar Morin, Chanlat e institucionalistas*, Sergio Luis Boeira, Alessandra Knoll e Ivan Luis Tonon esclarecem as relações entre a obra de Edgar Morin e algumas das perspectivas teóricas já reconhecidas e legitimadas nesse campo de estudos, como a teoria institucional e a abordagem de Jean-François Chanlat. As conclusões indicam complementaridade entre as abordagens de Chanlat e Morin, além de uma relação crítica e antagônica entre tais abordagens e perspectivas de institucionalistas, ainda que também haja alguns aspectos de complementaridade.

Encerrando este número, na seção provocações, *Suélen Matozo Franco, Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa e André Luiz Maranhão de Souza Leão* apresentam o texto *Depressão: mal do século ou demanda do século?*, no qual refletem criticamente sobre a medicalização, tomando como ponto de partida o mercado. Partindo de uma abordagem macro e crítica de Marketing, os autores assumem o medicamento como uma *commodity* que, como tal, tem papel na manutenção de um regime de acumulação. Com base em pesquisa bibliográfica e utilizando dados secundários como ilustração, discutem o papel do antidepressivo na articulação produção-

consumo, o que sugere que o mercado é um importante fator da medicalização da depressão.

Retomando o argumento inicial, desejamos que se multipliquem as adesões ao coletivo, de forma a que tenhamos uma sociedade cada vez mais justa. Boa leitura!

REFERÊNCIAS

FREITAS, M. E. A metáfora da guerra e a violência no ambiente de trabalho. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. (Org.). *Simbolismo organizacional no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2007. p. 277-291.

HAROCHE, C. Des forms et des manières em démocratie. *Raisons Politiques*, Paris, v. I, n. 1, p. 89-110, Fév. 2001.

PECHMAN, R. Quando Hannah Arendt vai à cidade e se encontra com Rubem Fonseca. In: KUSTER, E.; PECHMAN, R. *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 17-46.

SARAIVA, L. A. S. À violência, a luz! Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 1-8, abr. 2015.

SARAIVA, L. A. S. Um farol nos estudos organizacionais brasileiros. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-18, jun. 2014.

Como citar esta contribuição

SARAIVA, L. A. S. A escuridão da adesão somente a si. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 1-9, abr. 2016.